

HELENA CHAGAS



de Brasília

Lula quer Tasso

• Luiz Inácio Lula da Silva escolheu Tasso Jereissati como adversário preferencial do PT em 2002. Quando diz achar que o candidato do Planalto será o governador cearense, por unir os conservadores e anular Ciro Gomes, Lula está, espertamente, de olho no que é bom para ele e nas razões do outro lado. Por coincidência, a alternativa Tasso ainda se fortalecendo em território governista.

No oficial, continuam dizendo todos que muita água ainda vai rolar até lá e é cedo para se especular qualquer coisa, tanto do lado das oposições — Lula sequer confirmou se será candidato — quanto do Governo. Em termos. Vencida a etapa da eleição municipal, a sucessão de 2002 tomou conta de tal forma das conversas de bastidores que agora o processo é irreversível. Tudo o que pensam, fazem e farão estará voltado para isso.

Em meio a todas as incertezas quanto a nomes, alianças e discursos, os governistas e o maior partido de oposição têm, por estranho que pareça, algo em comum. Neutralizar a candidatura Ciro Gomes interessa ao Planalto e ao PT. É nesse espaço que cresce, nas articulações tucanas, e até na conversa de Lula, a opção Tasso Jereissati.

Recentes afirmações do próprio Ciro, descartando a possibilidade de abrir mão de ser candidato para fazer uma aliança com o PT, mas admitindo mais uma vez desistir para Tasso, encorajaram uns e outros.

Recuperado da derrota em Fortaleza, o governador movimentou-se por Brasília e São Paulo nos últimos dias. Esteve com Mário Covas, que será o grande eleitor do PSDB e, diz-se, teria lá, neste momento, certa inclinação pelo nome de Tasso Jereissati.

Com FH, não se sabe se as várias conversas dos últimos dias — estão superados aqueles tempos de afastamento do governador do Planalto — chegaram a tocar explicitamente no tema. Provavelmente sim. O presidente, dizem políticos próximos, pode não querer colocar a sucessão na rua para não ver esvaziados seus dois últimos anos de mandato. Mas anda ansioso para começar a construir uma solução para levar adiante seu projeto de governo. Por isso, ninguém se espanta se Tasso Jereissati vier a ser um dos convidados da reforma ministerial de fevereiro ou março próximos. Se vai aceitar ou não, é outra história.

Março, aliás, é o mês em que todos vão começar a mostrar o jogo, a data a partir da qual será possível ver o primeiro esboço do desenho da sucessão. É o período escolhido por Lula para dizer ao PT se será candida-

to ou não, o que determinará os rumos das composições no terreno oposicionista. Com ele, as alianças à esquerda e ao centro são de um tipo. Sem Lula, e sem um nome claramente definido no PT, os acordos podem ser outros.

Nas águas de março também ficará claro se haverá chapa única ou não na base governista. O resultado da eleição para as Mesas da Câmara e do Senado — desfecho da briga Antônio Carlos Magalhães-Jader Barbalho — vai reafirmar a aliança PSDB-PFL-PMDB para 2002. Ou então estraçalhar de vez a coalizão que sustenta o Governo.

Mantida a divisão de espaços entre PFL e PMDB no Congresso e ficando todos satisfeitos, há possibilidade de candidatura única, e continuarão igualmente com chances de ser cabeça de chapa o governador Tasso e o ministro José Serra. Num segundo plano, estariam os ministros Paulo Renato e Pedro Malan, candidaturas possíveis mas não prováveis.

O problema é que vai ser muito complicado deixar a todos satisfeitos. Se o PFL, hoje na berlinda, sair-se bem do episódio, com o apoio do Planalto para ficar com a presidência da Câmara, estará consagrado como aliado preferencial — e aí sobe a cotação de Tasso, o preferido de ACM numa aliança para 2002.

Mas se, sob as vistas do Planalto, o PMDB impingir uma derrota humilhante ao PFL, fazendo Jader presidente do Senado e apoiando o tucano Aécio Neves na Câmara, a chapa governista pode ser outra. Os pefelistas ficam de fora e a estrela a brilhar será a de José Serra, o preferido dos peemedebistas numa aliança para a sucessão presidencial.

Essas variáveis estão todas na mesa do Planalto e das oposições, em especial do PT. Não foi por acaso que as duas principais forças da disputa de 2002 resolveram marcar a mesma época para mostrar o jogo.

Independentemente, porém, de quem seja candidato lá e cá, é Lula quem verbaliza outro ponto em comum: o maior adversário do PT em 2002, diz, pode ser o fato de não fazer a política correta, ou seja, as alianças. Os governistas sabem que o aviso vale para eles, e no mesmo grau.